

Momento errado para visitas

Paris — Não se pode dizer que a ministra Zélia Cardoso de Mello tenha escolhido a melhor data para sua visita a Paris, mesmo sendo recebida pelas principais autoridades econômicas do país. Nessa época do ano, a França começa a entrar numa fase de desmobilização por causa das férias de verão. A visita da ministra ocorre num momento semelhante ao período do nosso carnaval, quando ninguém aconselharia uma visita de trabalho ao Brasil. O país só retoma sua atividade normal a partir da segunda quinzena de agosto.

Na conversa com o presidente do Clube de Paris, a ministra Zélia terá dificuldades em desbloquear negociações com essa instituição enquanto não admitir retomar o pagamento interrompido dos juros. Essa é a chave para se obter um bom relacionamento junto à instituição, como tem ocorrido com outros países — a Polônia por exemplo — em termos de prazos e juros. Quanto a parte da dívida pública brasileira com a França, créditos garantidos pela boa vontade com os países devedores intermediários e o Brasil poderá ser beneficiado dessa abertura.

Os banqueiros privados franceses envolvidos com a dívida externa brasileira estão dispostos a rejeitar qualquer negociação individual, não abrindo mão da presença do comitê de bancos que representa o conjunto dos credores. Esses banqueiros manifestam uma certa curiosidade pela presença da jovem ministra brasileira, pouco comum nesse setor de atividade. Para eles, a posição do Brasil junto ao Clube de Paris é considerada inexplicável pelo pouco volume que representa.

Quanto à dívida comercial, os representantes dos principais bancos franceses. Entre eles Paribas, Credit Lyonnais, Société Générale, etc — são bem mais rígidos. Nenhum deles admite uma negociação em separado, fora do comitê dos bancos. Eric Lemaitre, diretor do Paribas afirma que essa negociação individual não poderá ser feita, lembrando que o próprio sistema jurídico existente impede esse tipo de tratamento do assunto mesmo se o Citibank ou outros bancos desejarem caminhar nessa direção. Por isso, está convencido que a negociação com o Brasil se fará com o comitê de bancos ou por outro sistema que possa representar o conjunto dos bancos credores. (A.E.)